

Andarilho, Peão, Trabalhador, Pioneiro: Variações e Transformações nos Sentidos e Práticas Associados ao Correr o Trecho¹.

André Dumans Guedes (UFF)²

Palavras-chave: mobilidade – trecho – narrativas

Discuto neste texto três experiências de mobilidade, tratando do caso de determinados 1) trabalhadores de grandes projetos de desenvolvimento, 2) andarilhos e 3) engenheiros. Aparentemente pouco relacionadas entre si, essas experiências revelam-se comparáveis pelo fato de que em todas elas se fazem presente o vocabulário e as práticas associadas ao que essas pessoas chamam de “trecho”. Sinalizo aqui alguns dos parâmetros capazes de balizar e tornar fértil tão comparação, apresentando alguns caminhos de pesquisa que podem surgir dessa aposta analítica, sobretudo através da investigação de como essas práticas de mobilidade se constituem pela sua imbricação a certos saberes e narrativas.

1. Conhecendo o *trecho* no norte de Goiás

Em março de 2008, dei início ao trabalho de campo para a minha tese de doutorado em antropologia social na cidade de Minaçu, no norte de Goiás. Eu conhecera e me interessa por esse local anos antes, quando eu passara rapidamente por ali acompanhado alguns militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Na época, esses últimos buscavam organizar aqueles que haviam tido seu modo de vida ou de subsistência transformado pelas três usinas hidrelétricas que, desde meados dos anos 1980, haviam sido construídas nos limites desse município.

Durantes o meu trabalho de campo nesse local, entre 2008 e 2009, ao buscar entender como essas próprias pessoas atribuíam sentido ao lugar desses empreendimentos em sua vida, chamou minha atenção um certo conjunto de expressões usadas com bastante frequência por meus interlocutores. As expressões em questão estavam centralizadas em torno do substantivo “trecho”, usualmente se fazendo acompanhar de um verbo, esse último podendo variar bastante: “sair”, “andar”, “cortar”,

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Uma pesquisa financiada pelo CNPq sobre os efeitos sociais produzidos pela construção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Chamada MCTIC/CNPq No. 28/2018) ofereceu contrapontos comparativos fundamentais para o argumento esboçado aqui, e a este órgão sou grato.

“sumir”, “rasgar”, “abrir” ou “viver no *trecho*”. Numa primeira aproximação, essas expressões sinalizavam o quão importante era, para essas pessoas, suas experiências de mobilidade – rodando para cima e para baixo, encarando a estrada, viajando ou trabalhando longe de sua terra natal ou família, constantemente mudando de cidade e ocupação. Com o tempo fui então percebendo o quão centrais e relevantes eram essas expressões para que elas pudessem falar de si mesmas, de sua vida e de seu mundo – incluindo aí tudo aquilo que foi desencadeado pela construção das barragens.

Isso fica evidente, por exemplo, quando lembramos que boa parte daqueles que conheci havia se envolvido, em Minaçu ou alhures, com o garimpo. “Garimpeiro é bicho que está sempre andando por aí, rasgando o trecho, pé na estrada...” – por incontáveis vezes, ouvi formulações como essas. Além disso, cabe ainda destacar que a ocupação sistemática do norte de Goiás onde está situada Minaçu é relativamente recente. Essa própria cidade surgiu nos anos 1960, e só no final dos anos 1970 se emancipou como município. A maior parte dos adultos que conheci aí nascera em outros locais, no próprio estado de Goiás ou no Maranhão, Piauí, Bahia, Tocantins ou Minas Gerais; e só depois mudaram-se para Minaçu. Muitos deles, de fato, chegaram naquela cidade para trabalhar na construção das usinas hidrelétricas. E como veremos adiante, suas experiências como “barrageiros”, na construção desses empreendimentos, também eram, em grande medida, narradas e significadas pelo recurso àquelas expressões evocando o *trecho*. Com o tempo, descobri que o mesmo se passava com outros trabalhadores envolvidos com projetos de desenvolvimento diversos e outras grandes obras de construção de infraestruturas.

A menção a esse fato é importante porque foi pela referência a ocupações e atividades econômicas como essas que encontrei a única explicação para uma possível origem do termo *trecho*. Na sua autobiografia – sintomaticamente intitulada *Urrando no Trecho. Recordações de um Engenheiro de Obras* – Corrêa (2007, p. 11) afirma então que

[Esse termo] vem das grandes e lineares obras de estrada onde é prática comum dividir-se o volume global de serviço em lotes, entregando-os a várias empreiteiras (...) [que ficam responsáveis por diferentes] frentes, ou trechos, da obra. É comum, num casual encontro entre operários que constroem uma mesma rodovia, a pergunta: ‘Em que trecho você está?’, seguindo-se a resposta que identifica a empreiteira responsável pelo mesmo e os quilômetros que limitam sua faixa de atuação. O termo Trecho extrapolou suas iniciais fronteiras e como se todo o Brasil fosse um imenso canteiro de serviços, passou a designar todas as grandes obras e os homens que as executam, os peões do Trecho, nômades por excelência e necessidade.

2. Com Walmir, no interior de Minas Gerais

Uma década depois, em meados de 2019, em mais uma de minhas viagens pelo interior do país, voltei a me encontrar com referências a esses universos e ao trabalho na construção de estradas, assim como me deparei novamente com narrativas que evocavam esse mesmo termo – o *trecho*. Dessa vez isso ocorreu em Minas Gerais, nas proximidades dessa cidade de Ouro Preto onde eu mesmo fui criado. Nessa ocasião eu acompanhava uma equipe de pesquisadores interessados em conhecer os efeitos da atividade mineral na região, e percorríamos a carro uma série de pequenas localidades que – no Quadrilátero Ferrífero, na mesma região do Estado onde, em 2015 e 2019, romperam as barragens de resíduos de Fundão e Brumadinho – encontravam-se nas vizinhanças de grandes mineradoras. Da traseira do carro onde estou, ouço então um comentário que prontamente chama minha atenção – ela própria já condicionada, ao longo de todos esses anos, a focar naqueles temas que, surgindo na minha carreira a partir do que aprendi em Minaçu, permanecem centrais a meu trabalho como etnógrafo:

Uai, parece que eu conheço esse pedaço aqui... Ah, mas conheço sim! Trabalhei aqui vários anos atrás, passei uns três meses construindo essa mesma estrada em que passamos agora. Ali ficava o escritório da firma... E era logo mais ali atrás, naquele povoado em que acabamos de passar, que a gente ficava hospedado. Agora me lembro!

O comentário não foi proferido por nenhum dos pesquisadores da equipe, mas por Walmir: um rapaz que crescera na periferia de Belo Horizonte e que então, beirando seus trinta anos, havia sido contratado por eles para cuidar dos equipamentos de filmagem e gravação durante a viagem. De pronto manifestei meu interesse pelo que ele havia vivido ali, explicando a Walmir que eu escrevera um livro – a partir da minha já mencionada tese de doutorado – que tratava de pessoas que viveram experiências feito a dele, convivendo com empreendimentos daquela natureza ou neles trabalhando por algum tempo; um livro que tratava de pessoas que rodavam o *trecho*. Como que se antecipando ao que eu planejava lhe propor, Walmir respondeu que tinha sim muitas histórias e coisas relevantes a dizer sobre o *trecho*. E que seria ótimo se eu fizesse uma entrevista com ele mais tarde, num lugar mais calmo, com o gravador ligado, a gente bebendo tranquilos umas cervejas.

Naturalmente fiquei satisfeito com a possibilidade de ouvir e registrar uma narrativa como essa. Mas não fiquei exatamente surpreso com o aparecimento dessa oportunidade. De fato, ao longo dessa década que separa o período de meu trabalho de campo em Minaçu dos dias atuais, por diversas ocasiões pude me deparar com menções e relatos fazendo referência ao *trecho* – não apenas em Goiás, mas em outras áreas onde

realizei trabalhos de campo durante esse período, em canteiros de obra e alojamentos de trabalhadores construindo estradas em Minas Gerais ou empreendimentos associados ao Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj)³. Registrando, analisando e comparando as diversas narrativas sobre o *trecho* que surgiram em meu caminho, nesses locais e ao longo dos anos, eu fui capaz de identificar certas recorrências, certos padrões. E nos três dias que passei ao lado de Walmir – antes de realizarmos a entrevista – pude ouvir ele contando para nós todos diversos episódios que me pareciam encaixar-se à perfeição nesses “padrões”.

Walmir nos contou então sobre esse período em que sua vida estava marcada pela alternância entre o canteiro de obras, o alojamento na pequena comunidade próxima e os momentos de folga, quando ele voltava para casa ou *curtia* em Conselheiro Lafaiete, Ouro Branco ou Barbacena, cidades maiores nas redondezas. Ele mencionou igualmente os conflitos que teve com uma encarregada particularmente cruel e exigente, com quem ele se desentendera inúmeras vezes e que, ao fim e ao cabo, foi quem o fez abandonar aquele trabalho. Ele mencionou também o quanto valorizava o convívio com outros “povos” com seus diferentes “modos” e “sistemas”, feito aquela gente que tinha vindo do Norte de Minas para trabalhar na mesma obra. Esses diferentes “modos” e “sistemas” evidenciavam-se, por exemplo, nas formas como era gasto o dinheiro obtido na obra: no caso de Walmir, ele o *torrava* em festas, bebidas e artigos de luxo; no caso dos “mineiros”, consumia-se apenas o necessário para que a maior parte dos recursos fossem enviados para as famílias nas suas terras natais.

Eram episódios e histórias feito esses que eu imaginava que Walmir fosse recapitular quando estivéssemos a sós, nós dois com o gravador. Como já indiquei, eles remetiam a alguns tópicos que, ao longo de uma década colhendo depoimentos dessa ordem, eu sabia já serem recorrentes ou mesmo incontornáveis nessas “estórias sobre o trecho”: os confrontos e tensões com patrões (Guedes 2013b; Almeida 2015); as moralidades envolvidas no consumo dos recursos aí adquiridos (Cohen 2011; Guedes 2014, 2017; cf. Parry e Bloch 1989); o amadurecimento pessoal propiciado pela vivência, longe da família e do lar, de agruras diversas (Rumnstain 2009; Guedes 2012) ou do convívio com pessoas e modos de vida diferentes (Vieira 2015; Guedes 2020). Eu já sabia também como essas pessoas valorizam a importância de falar sobre suas

³ Veremos adiante com mais calma como a literatura acadêmica confirma essa difusão geográfica do termo, que se faz presente – por exemplo – entre os maranhenses trabalhando nas plantações de soja do Mato Grosso (Rumnstain 2009, 2014) ou nos garimpos e “territórios da prostituição” (Tedesco 2015) no Pará.

andanças: tão importante quanto o rodar o trecho é falar sobre ele, contar sobre as coisas vistas e vividas, significar e lembrar essas experiências pela sua narração e compartilhamento (Guedes 2020; Rumnstain 2009, Vieira 2015). Com Walmir as coisas não pareciam diferentes a esse respeito. E como em outras ocasiões, eu planejava usar a entrevista para recuperar em mais detalhes eventos que não me eram de todo desconhecidos, o gravador e o contexto de uma entrevista formal me oferecendo a possibilidade de um registro complementar e mais detalhado do que aquele que eu possuía nas notas em meu caderno de campo.

Dessa vez, porém, eu estava enganado. Na conversa regada a cerveja que tive com Walmir após nossa viagem, o que ele tinha a me contar a respeito do *trecho* eram experiências bem diversas daquelas que eu esperava.

3. Uma estória do trecho, e as estórias no trecho

Desde o princípio estava claro que aquela não era uma estória qualquer. Uma primeira evidência disso estava na cerimônia preparada por Walmir para que ela fosse contada, mais do que sugestiva de que sua narração era mesmo algo significativo para ele. Walmir fez questão que nos sentássemos a sós numa mesa isolada da pensão em que nos encontrávamos, após a maior parte dos hóspedes ter já se recolhido. Um pouco mais cedo, ele colocara para gelar algumas cervejas, de qualidade e preço superior às que costumávamos beber usualmente; e providenciara também alguns aperitivos. Assegurando-se de que o gravador estava funcionando e com tudo o mais pronto, ele pôde enfim relatar-me essas “histórias do trecho” que há tanto tempo ele queria compartilhar.

Por volta de 2012 ou 2013, Walmir passou um período “na rua”, dormindo em praças e na casa de conhecidos, circulando entre Belo Horizonte e Betim. Foi nessa época e nessas circunstâncias que ele conheceu Bruno, rapaz um pouco mais novo que ele. Os dois se entenderam bem, andaram na rua por um tempo juntos, até que um dia Bruno lhe fez uma proposta: “estou querendo ir para o Rio de Janeiro, quer vir comigo?”. Nenhum dos dois tinha o dinheiro para a passagem, mas isso estava longe de ser um problema para Bruno. E foi a partir desse momento que Walmir foi se dando conta de que Bruno tinha habilidades e conhecimentos não triviais, e que lhes possibilitariam sim chegar ao Rio de Janeiro. Bruno “sabia tudo de trecho”: sabia como arrumar um dinheiro rápida e prontamente, em qualquer canto em que se encontrassem.

Sabia como providenciar transporte sem custos, recorrendo a caronas ou a passagens distribuídas de graça por prefeituras e órgãos de assistência social. Sabia também conversar com as pessoas, em certas ocasiões usando sua boa lábia para convencê-las de que ele merecia ser ajudado; em outras, ele *mangueava*, recorrendo a estórias fantasiosas e mentiras deliberadas para obter os recursos de que necessitasse. Além disso, nas suas andanças Bruno conheceu diversos dos caminhos e meios que conectavam Belo Horizonte ao Rio de Janeiro, bem como inúmeras pessoas morando, trabalhando ou circulando por aí: gente *do trecho*, gente *no trecho*.

Sem muitas dificuldades, os dois conseguiram uma carona do centro de Belo Horizonte até um posto de gasolina na beira da BR. Ali, beberam por horas, e já embriagados, se viram diante de um caminhão carregado, com a placa do Rio de Janeiro. Sem muita hesitação, os dois se enfiaram debaixo da lona, junto às imensas peças metálicas ali transportadas, e adormeceram. Foi só no dia seguinte, quando despertaram ao amanhecer, que eles se deram conta de seu equívoco. A placa do caminhão certamente não indicava seu destino, e eles perceberam que estavam dentro do pátio de uma mineradora. Assustados, sabendo que poderiam ser presos se descobertos ali, os dois conseguiram sair sem ser descobertos, e após algumas horas de caminhada conseguiram voltar à estrada. Bruno identificou o local onde estavam, e prontamente comunicou a Walmir uma mudança de planos. “Não vamos mais para o Rio de Janeiro não. Já estamos aqui nessa estrada, vamos para Baixo Guandu, no Espírito Santo! Minha mãe mora lá!”.

Num posto de gasolina mais à frente, eles *manguearam* e conseguiram o dinheiro para chegar até a cidade de Itabirito. Ali, lançando mão dos conhecimentos de trecho de Bruno, procuraram o serviço de assistência social do município, onde seria possível obter uma passagem de ônibus gratuita até Ponte Nova, no caminho para o Espírito Santo. Mas os funcionários do escritório lhe disseram que só havia passagem até Ouro Preto, algumas dezenas de quilômetros adiante. Bruno recusou, inflexível em sua demanda: eles queriam ir até Ponte Nova, e não aceitariam dirigir-se a outro lugar. Decidiram então procurar uma igreja evangélica, e depois uma católica, onde conseguiram comida e bem vindos agasalhos para suportar o frio do meio do ano. Após uma noite passada na rodoviária, decidiram tentar um “junta-junta” dentro do próprio ônibus para prosseguirem: “Gente do ônibus, muito boa tarde! Estamos precisando de um dinheiro para ir até Ponte Nova. Vocês podem ajudar a gente?”.

E foi assim que Walmir e Bruno chegaram até essa cidade. De modo análogo, eles recorreram a toda uma diversidade de pedidos, *mangueios*, histórias, astúcias e pequenas infrações para prosseguirem com seu caminho. Sabendo da proximidade das eleições municipais, ficava ainda mais fácil conseguir qualquer coisa junto a órgãos de assistência social, prefeitos, vereadores ou pretendentes a esses cargos. Além disso, Waldir aprendeu com Bruno que junto a igrejas católicas e evangélicas, instituições de caridade ou ONGs, era relativamente simples conseguir alguma ajuda⁴. Eventualmente, as ajudas não surgindo como o esperado, a ameaça de “pintar o sete” na cidade sensibilizava alguns dos moradores ou órgãos locais, interessados em fazer com que aqueles forasteiros saíssem dali.

Na narrativa de Walmir, evidencia-se assim algo da ordem de um padrão, ele próprio sugestivo da forma como ele e seu parceiro organizavam sua viagem. “Chegamos então em Manhuaçu...”. Ou em Caratinga, ou em Inhapim, ou em Conselheiro Pena, ou em qualquer uma dessas cidades que, menores ou maiores, foram-me detalhadamente apresentadas. Cada uma desses locais onde eles “paravam” eram merecedores da atenção e das palavras de Walmir, em dois registros distintos. Em primeiro lugar, sua narração enfatizava o que havia de característico ou singular em tal ou qual dessas “paradas” (“Caratinga, a terra do Zivaldo. Lá tem essa estátua, do Menino Maluquinho...”; “Laginha é bem escondido, uma cidade sem saída...”); ou então aquilo de inusitado ou único presenciado por Walmir ali (“Poucos dias antes, um pianista tinha caído naquele rio, e desapareceu...”; “Sim, havia índios ali, índios de verdade!”). Ainda que se justificando por si só, a descrição desses lugares funciona também, num segundo registro, contextualizando, ambientando ou preparando a narração dos incidentes, aventuras e desafios aí enfrentados pela dupla (“Chegamos na cidade, e tão logo descemos do ônibus dois policiais, um deles uma mulher, com metralhadoras nas nossas costas, nos obrigaram a ficar deitados no chão. Aí o Bruno começou a contar essa história...”). Com grande frequência, ao desenrolar esses

⁴ Abaixo considerada com mais detalhes, a literatura que trata de experiências desse gênero é pródiga em exemplos relativos às interações entre os *trecheiros* e instituições feitas nessas. Em primeiro lugar, pela relevância dos trecheiros enquanto objetos de políticas públicas ou de práticas de assistência social de uma forma mais geral – eles revelam-se assim um caso heurísticamente rentável para a explicitação de certos traços fundamentais dessas últimas. Num outro registro, referente à operacionalização do trabalho de campo e a coleta de informações sobre esses grupos, essas instituições revelam-se também relevantes: pois foi a partir delas, e em grande medida atrelada às preocupações e pontos de vista daí oriundos, que a maior parte destes pesquisadores tiveram acesso aos dados e depoimentos daqueles que estiveram no *trecho*.

acontecimentos Walmir encontra o fio narrativo que lhe permitia mostrar como e por que, após algumas horas ou uns poucos dias, eles se puseram novamente em movimento rumo a sua próxima parada.

São essas composições entre movimentos e paradas o que associa àquele “padrão” acima referido, e que se aplica tanto aos deslocamentos como a sua narração. Como já assinalado por uma vasta literatura tratando das mobilidades nos últimos tempos, estamos aí longe daquelas formulações que concebem os deslocamentos subordinando-os ao lugar de partida ou ao de destino, o movimento aparecendo sem valor em si mesmo e constituindo-se como simples passagem ou interstício entre dois pontos (de X... para Y), pontos onde residiria o que realmente interessa ao pesquisador (cf. Palmeira e Wagner 1977: 30). Na direção diametralmente oposta a essas formulações, nas discussões contemporâneas sobre as mobilidades evoca-se, muito mais frequentemente hoje em dia, uma certa “primacy of movement” (Ingold 2011): por exemplo, via uma representação dos deslocamentos como movimentos contínuos ou puros fluxos (cf. Rockfeller 2011), ou então como algo próximo a um “nomadismo” (análogo àquele supostamente presente nos escritos de pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari). Confrontados com os dados etnográficos, tanto uma como a outra tendência revelam-se simplistas. No caso de que tratamos, parece mais relevante pensar em composições e articulações entre movimentos e “paradas” (essas últimas, eventualmente, podendo também ser pensadas a partir dos movimentos específicos que a constituem: procurar um lugar para dormir, tremer de frio debaixo da marquise, espremer-se e revirar-se a noite inteira no estreito leito compartilhado com o parceiro de viagem). Ainda nessa chave, consideremos por exemplo o que se passou quando Walmir e Bruno chegaram em Baixo Guandu, na casa da mãe desse último. Numa primeira aproximação, esse poderia ser concebido como o “destino” de ambos. Mas a chegada a tal localidade ocorre no meio da história, antes de assinalar seu término ou o das andanças – de fato, essa cidade e a narrativa do que se passou aí se encaixam sem muitos problemas naquele mesmo padrão acima descrito. Tão logo os dois põem os pés aí, eles se dirigem para a casa da mãe de Bruno. Almoçam, tomam banho, passam uma tarde agradável com essa última, vendo televisão. No início da noite, saem para beber uma cerveja na rua. Bruno se põe então a procurar um desafeto; ele o encontra, e os dois saem no braço. A polícia é chamada, e para não serem presos os dois partem de Baixo Guandu no mesmo dia. E voltam para a estrada; uma outra localidade se colocando no caminho de ambos e diante de mim, que prossigo ouvindo a estória de Bruno...

Evidencia-se igualmente aí essa imbricação pela qual deslocamentos e narrativas se constituem mutuamente. O grande tema de Walmir, afinal de contas, é o *trecho*; é a história de suas próprias andanças e viagens o que ele quer contar, e é só porque ele as realizou que ele pode e quer fazê-lo agora. Por outro lado, no *trecho*, as “estórias” funcionam também como uma espécie de combustível, ou algo que viabiliza o contínuo deslocar-se de pessoas como Bruno e Walmir. Num ônibus lotado, em bares e feiras, diante de assistentes sociais ou religiosos, são sobretudo as histórias contadas por eles o que lhes assegura os recursos para que eles possam comer, beber ou drogar-se – e, acima de tudo, prosseguir no seu caminho, seja através de passagens de ônibus ou do dinheiro para comprá-las. Daí a insistência de Walmir na importância do *mangueio*, procedimento que recebe atenção também pelo que é provavelmente o melhor etnógrafo dessas modalidades de percorrer o *trecho* (Brognoli 1996: 136):

Outra tática bem-sucedida é o pedido ou *mangueio*, que revela por trás de suas técnicas, uma compreensão articulada dos códigos capazes de sensibilizar o doador. Também chamado *acharque*, ou ainda de *um-sete-um*, consiste em contar uma história de cunho dramático ou de enfatizar a situação de sofrimento pela qual está passando, onde o elemento principal é a verbalização.

Para além dessa dimensão mais diretamente instrumental, cabe também um lugar de destaque para as histórias que Bruno contava a Walmir, a respeito de sua própria vida e de suas andanças passadas, para a constituição e persistência da aliança criada, entre os dois, nestes termos, dois parceiros juntos no *trecho* (...)

4. Duas literaturas

Antes de prosseguirmos com Walmir, quero apresentar algumas das discussões presentes na literatura acadêmica a respeito do termo *trecho*. Recupero aqui a própria revisão bibliográfica que realizei para minha tese de doutorado (Guedes 2011, 2013). Sem sombra de dúvida houve um incremento considerável da literatura tratando desse tema ao longo da última década, mas não é meu propósito tratar exaustivamente dela aqui. Quero antes propor uma releitura do meu próprio texto a partir daquilo que Walmir vivenciou e me narrou. Em Guedes (2011: 178), afirmo assim que

o termo *trecho* [podia] ser encontrado em dois conjuntos diferentes de textos. Tratando de temas e pessoas distintos, os autores de um e outro destes dois conjuntos pouco ou nada dialogam entre si, a julgar pela raras vezes em que eles são citados uns pelos outros.

De um lado, tínhamos uma literatura centrada em torno da questão do trabalho migrante (ou “móvel”, ou “itinerante”, ou “volante”) associado ao que os autores em questão costumavam denominar de “grandes obras” ou “projetos de desenvolvimento”

(empreendimentos agropecuários, mineradoras, siderúrgicas, usinas hidrelétricas, obras de infraestrutura), sobretudo no que diz respeito ao centro-norte do país. A título de exemplo, evoco o mais antigo dentre os textos que encontrei, a dissertação de mestrado de Sônia Magalhães, defendida na Universidade Federal da Bahia em 1984 e emblematicamente intitulada “*Gente de Toda Paragem. Um Estudo sobre uma População Afluente numa Grande Obra*”. Tratando do processo de construção da usina hidrelétrica de Sobradinho, no Rio São Francisco, Magalhães (1984: 109) refere-se ao “peão do trecho” como sendo “fundamentalmente aquele que, se deslocando de obra em obra, em locais diferentes, vive de ‘trecho’ em ‘trecho’”. A menção a essa autora interessa também porque ela se dedicou ao mesmo tipo de empreendimento que eu estudava: barragens e usinas hidrelétricas.

Retomando uma tradição cujas origens remontam àqueles “nômades do proletariado” mencionados por Marx (1988: 215), e que frutificou no Brasil a partir dos trabalhos de Leite Lopes (1979), Lins Ribeiro (1988: 211) ajuda-nos a entender a relevância da questão da mobilidade espacial do trabalho no que se refere às obras de construção civil destes grandes empreendimentos:

As we know, spatial mobility is a central specificity of the engineering industry, since the mobility of investments induces the rotation of the labor force. Migrant labor is thus directly associated with this industrial branch. This is especially evident when construction is being done in isolated areas. Every time a new job begins in isolated areas, contractors have to transfer manpower and equipment to the new working site.

Na pesquisa bibliográfica em questão, as menções ao “trecho” ou aos “peões do trecho” apareciam associadas também a outros empreendimentos e situações: em Souza (1990), ao caso dos subcontratados para a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Pará; em Antonaz (1995), ao Projeto Albrás-Alunorte, dedicado à produção industrial de alumínio, também no Pará; em Esterci (1985), o “trecho” vincula-se a um projeto de colonização no nordeste do Mato Grosso. Também focando em empreendimentos agropecuários, Martins (1988), Figueira (2004) e Costa (2008) abordam os “peões do trecho” como vítimas por excelência do trabalho escravo no Mato Grosso, Pará, Bahia, Goiás, Maranhão e Piauí. Por fim, Rumstain (2009) enfoca os trabalhadores maranhenses que, sazonalmente, deslocam-se para as plantações de soja no Mato Grosso.

Mas como indiquei acima, nessa pesquisa bibliográfica deparei-me também com um outro conjunto de textos que, à época, pareciam-me dificilmente relacionáveis com aqueles apresentados acima. Nesse segundo caso, eu tinha em mente uma série uma

série de trabalhos realizados por psicólogos, assistentes sociais, sociólogos e antropólogos, que mais que fazer referência ao “trecho” privilegiam o estudo dos “trecheiros”: Justo e Nascimento (2005), Peres (2002), Garcia et al. (2008), Araújo (2004), Magnani (s/d); Brognoli (1997; 1999); Nascimento (2008); Mendes (2007).

Os trecheiros seriam, grosso modo, andarilhos de estrada, encontrados em São Paulo e no sul do país, “passando pelas cidades sem nelas se fixar” (Mendes 2007: 13), “caminhando solitariamente pelos acostamentos das rodovias com um saco às costas onde carregam todos os seus pertences” (Nascimento 2008: 42). Os contornos de sua auto definição permitiriam diferenciá-los de outros grupos com quem frequentemente são confundidos. Para Brognoli (1999: 63), é o que ocorre com a oposição entre “trecheiros” e “pardais”, sendo que os últimos “adotam, geralmente, percursos estabelecidos e relativamente pequenos, dentro de uma mesma cidade ou entre cidades próximas, se comparados aos trajetos dos *trecheiros*, que se verificam amplos e não planejados”. Já no albergue estudado por Garcia et al. (2008: s/p), três tipos de “usuários” são distinguidos: “‘morador de rua’ (aquele que não se adapta mais a um estilo de vida rigoroso e disciplinado), o ‘migrante’ (aquele que viaja com toda a família em busca de emprego, procurando habitualmente trabalhar no corte de cana ou de caseiro em chácaras) e o ‘itinerante’ (aquele que transita de cidade em cidade, que ‘vive do expediente de itinerante’”). Para estes autores, são estes últimos, os itinerantes, que se definem como “trecheiros”. Num estudo sobre “moradores de rua”, Mendes (2007: 20) selecionou os seus entrevistados em função dos “critérios de classificação da população de rua criados pelos próprios moradores”, escolhendo assim três “trecheiros”, três “maloqueiros (moradores de rua que moram em casas improvisadas)” e três “caídos (moradores de rua que estão em avançado estado de degradação física)”.

5. Relacionando contextos

A maioria das diferenciações acima apresentadas – referentes a categorias nativas de auto identificação ou à terminologia com que operam agências do Estado – se colocam num plano sincrônico. Numa rápida passagem, porém, Mendes (2007: 84) faz um comentário sugestivo, ao trazer para o primeiro plano a trajetória dos indivíduos e comentar que “é comum que os trecheiros tenham sido, e eventualmente sejam, ajudantes de caminhoneiro, vendedores ambulantes, garimpeiros, trabalhadores rurais, peões de obra etc.”. De fato, e como o exemplo de Walmir deixa claro, uma “trajetória”

peçoal oferece uma primeira forma possível de articular ou relacionar esses dois diferentes contextos em que aparecem o *trecho* e os *trecheiros*.

Numa direção análoga, que traz para o primeiro plano essa articulação diacrônica entre diferentes elementos, sugeri em outras ocasiões (Guedes 2013; Guedes 2020) que os relatos a respeito de experiências do trecho – ou “no” trecho – prestam-se bem para a expressão de estórias de vida, sobretudo aquelas em que está em jogo a narrativa de como alguém se tornou vivido, maduro ou experiente. As viagens aparecem então como formadoras da pessoa, verdadeiros ritos necessários para que alguém cresça, se desenvolva, e possa entender de fato o que é “o mundo”, “a vida” ou “a realidade” (Woortman 2009; Scott 2009). As narrativas dessas histórias objetivam assim evidenciar, tanto para o ouvinte como para quem narra,

como alguém veio a tornar-se o que é, via uma sucessão de aventuras e desventuras que nos revelam os caminhos desse processo de desenvolvimento ou amadurecimento pessoal. Dificuldades de convívio, conflitos cotidianos, relações estremecidas ou rompidas, mudança de endereço (...) a vivência recorrente desse padrão costuma levar ao surgimento de algo relevante – aprendido. Nessas histórias, a enumeração – às vezes incrivelmente longa – dos locais e situações onde alguém residiu tem um efeito narrativo preciso: a sucessão desses últimos funciona como índice dos múltiplos passos, etapas ou desafios enfrentados nessa caminhada rumo ao aprendizado ou amadurecimento, bem como dos esforços necessário para tanto (Guedes 2020: xx)

É sobretudo assim que o “trecho ensina” (Rumnstain 2009), oferecendo a alguém a oportunidade de encarar a dureza da “realidade”, ou de ver como são cruéis, perigosas e injustas as coisas do “mundo”. Nesse sentido, poderíamos evocar para esses casos a ideia de “carreira moral” de Goffman (2001),

antes de mais nada porque o termo “carreira”, para além das conotações pretendidas por esse autor, tem também o sentido de “caminho” ou “estrada”. Isso nos possibilita reforçar as correlações (...) entre os deslocamentos espaciais e a “trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida” (Goffman 2001: 111), o que exprime bem uma imagem bastante cara às pessoas de que trato aqui: a da vida pensada como caminho. Além disso, interessamos o que este autor destaca a respeito dos aspectos morais dessa carreira, o que envolve tanto os julgamentos recebidos pelos sujeitos em questão quanto essa “sequência regular de mudanças que a carreira provoca no eu da pessoa e no seu esquema de imagens para julgar a si mesma e aos outros” (id: 112). [Assim], (...) o afastamento da família e da terra natal é necessário não apenas para que [os] jovens (...) adquiram a autonomia que diferencia as crianças dos adultos. A ele está associada igualmente a vivência de sofrimentos e dificuldades concebidos como fundamentais para a formação de uma pessoa (Guedes 2020: xx).

Não descarto a relevância dessas ideias para minha discussão nesse texto. Mas a própria maneira como Walmir apresentou sua narrativa me estimula, aqui, a seguir um caminho diferente. Afinal de contas, a narrativa que ele queria tanto me narrar estava claramente enquadrada (e aqui mais uma vez poderíamos evocar Goffman – o da *Frame Analysis* de 1974); seu início e fim estavam muito bem delimitados, evidenciando que

aquela era a história de *uma* viagem, do que se passou nesse mês e meio em que ele esteve no trecho com Bruno. Minha surpresa surgiu justamente daí, ou melhor: do fato dele ter privilegiado tais acontecimentos em detrimento de sua experiência construindo estradas ou trabalhando em outros empreendimentos.

Uma chave de leitura possível dessa história reside na ideia de que a narrativa que me foi apresentada era o relato de uma iniciação: a da ocasião onde ele pela primeira vez travou contato com realidades posteriormente presentes em sua vida, e de como aprendeu a lidar com elas. Note-se desde já que, como na discussão acima, também está em jogo a relação do *trecho* com algum aprendizado – agora, porém, de uma natureza diversa daquele “amadurecimento” produzido pela articulação diacrônica de diferentes viagens e experiências. Nessas situações que nos são apresentadas por Walmir, o aprendizado em questão remete antes a algo da ordem de um *know-how*. Saber andar; saber se virar; saber se virar sozinho; saber quando estão tentando te enganar; saber enfrentar a saudade de casa ou da família; saber preservar e proteger seus pertences pessoais; saber preservar e manter em bons termos a relação com seu parceiro de viagem, saber quando é o momento de rompê-la; saber improvisar; saber lidar com pessoas e modos de vida diferentes, saber conviver com elas e criar aliados; saber “se manter”, saber arrumar um dinheiro; saber beber e se drogar “sem chapar demais”; saber providenciar pequenos confortos diante das adversidades e intempéries da estrada (Guedes 2013b); saber conversar (no trecho, por exemplo *mangueando*; ou a respeito dele, em narrativas feito a que Walmir me apresentou)...

O ponto que mais me interessa aqui é que esse saber-fazer é transmitido por alguém; e não em qualquer circunstância, nem de qualquer modo. Mas isso é feito no próprio *trecho*, e por alguém mais experiente que tem condições de levar adiante tal iniciação, difundindo esses ensinamentos. Na narrativa de Walmir, é sobretudo Bruno quem desempenha tal papel. Ao final daquela viagem, os desentendimentos entre eles se multiplicavam, e não foram exatamente em termos amigáveis que eles se despediram um do outro. Walmir deixa claro como passara a se assustar com atitudes cada vez mais violentas e criminosas de Bruno, e passa a se incomodar com seu comportamento até o momento em que decide seguir seu próprio caminho, sozinho. Ainda assim, é inegável a gratidão que sente por ele, por ter-lhe propiciado essas experiências e aprendizados. “Eu não sabia nada de trecho, foi ele quem me ensinou...”.

Mas naquela ocasião o próprio Bruno aprendeu coisas novas – não foi exclusivamente com ele, portanto, que Walmir adquiriu esses ensinamentos. Em

Manhuaçu, os dois encontraram-se com “um hippie” que era um velho conhecido de estrada de Bruno. E esse homem lhes mostrou como fazer miniaturas de objetos domésticos a partir de latas de cerveja, que eles depois conseguiram vender. Um caminhoneiro despertou-lhes a atenção para a demanda existente por “pretinho”, uma cera para polimento de veículos que eles também começaram a produzir manualmente e a vender. Numa ocasião em que se encontrava sozinho, Walmir estava com fome e sem dinheiro, envergonhado e sem saber “como pedir comida”. Ele entrou num restaurante num posto de gasolina à beira de estrada e não conseguiu falar nada, seu constrangimento ficando evidente para a dona do estabelecimento. Generosa e quase maternal, essa última o chamou, e explicou-lhe: “olha, não é assim que se *pede*. Tem que esperar o restaurante esvaziar, mais tarde, e aí sim você procura o responsável...”.

A referência a essas outras figuras interessa também para a descrição do *trecho* como um universo povoado por pessoas e povos os mais diversos, interagindo por vezes de modo ocasional, por vezes de modo mais recorrente. Caminhoneiros, mecânicos, chapas⁵, policiais, prostitutas, atendentes de postos de gasolina e estabelecimentos anexos a eles, hippies, malabaristas, músicos, engenheiros e trabalhadores de mineradoras ou da construção civil, funcionários das concessionárias rodoviárias e das prefeituras, vendedores ambulantes, traficantes de drogas, fugitivos da lei, religiosos e profissionais de assistência social, ex-presidiários... Gente *do* trecho, gente *no* trecho, pessoas que simplesmente passavam por ali, ou moravam acolá. Evidenciar a “interação” entre eles é relevante também como um contraponto àquelas articulações diacrônicas que, acima, eu associara às ideias de trajetória, carreira ou estória de vida. Conheço o suficiente da vida de Walmir para saber que, em algum momento de sua vida, ele se dedicou a algumas daquelas “ocupações” ou “atividades” acima listadas. Ao encará-las numa chave sincrônica, o que vem ao primeiro plano então são essas interações, o convívio e a coexistência das pessoas associadas a elas em certos contextos e espaços.

Essa convivência parece-me relevante para compreendermos como esses saberes, práticas e valores associados ao trecho, se difundem e se disseminam – o que nos ajuda a compreender, por exemplo, a existência daquelas duas literaturas que, nas ciências sociais, tratam do *trecho*. Para tratar melhor desse ponto, irei considerar, na seção seguinte, um outro conjunto de sujeitos que, tais como os andarilhos e os

⁵ Trabalhadores que ficam à beira da estrada oferecendo seus serviços para caminhoneiros, sobretudo para descarregar as carretas.

trabalhadores de grandes projetos, e justamente por conviverem com eles, também descrevem suas experiências de mobilidade a partir do *trecho*.

6. Do peão ao engenheiro

Numa bela e conhecida análise, Lins Ribeiro (2006) nos apresenta alguns valores e ideias se fazendo presente na construção desse “grande projeto de desenvolvimento”, a construção de Brasília – projeto que até hoje aparece como emblemático para parte de meus interlocutores de Minaçu, especialmente os mais velhos, sobretudo pelo papel aí desempenhado por gente que, segundo eles e conforme sua própria experiência, teve que “abraçar o trecho”. Ao considerar a presença do patrão nesses canteiros, esse autor evoca a “ideologia da grande obra”, fundada no pressuposto de que haveria uma “democracia da fronteira”. O Estado e as companhias responsáveis pelo projeto difundiram assim a ideia de que, ali, “eram *todos* pioneiros, candangos, que participavam contribuindo cada um com seus trabalhos específicos para a realização da grande obra” (2006: 162; grifos meus). *Todos* naquele contexto – nos “sujos e apertados coletivos dos peões” ou na “luxuosa e espaçosa casa do proprietário da companhia” (2006: 119) – estariam igualmente sujeitos às dificuldades e incômodos inerentes ao trabalho no que eram então confins tão distantes e precários, longe de suas famílias e terra natal. Do mesmo modo e por outro lado, essa “democracia” ofereceria a *todos*, sem discriminação, possibilidades de melhorar de vida ou enriquecer.

Ao caracterizar tais símbolos e narrativas como uma “ideologia”, Lins Ribeiro (2006) traz para o primeiro plano o papel que esse repertório simbólico desempenha na manutenção e reprodução de relações de dominação, justamente por ele contribuir para escamoteá-las enquanto tais – e nada tenho a reparar em tal tipo de argumento. Parece-me, por outro lado, que é possível tratar dessa mesma situação a partir de um outro encaminhamento analítico, colocando em primeiro plano o “convívio” entre tais sujeitos, e não o “conflito” existente entre eles (como sugiro adiante, nesse encaminhamento tal conflito não é desconsiderado ou negado, reaparecendo sim em outro momento, e de outra forma, no desenrolar da análise).

Retomemos então o trabalho de Corrêa (2007), autor que acima nos ofereceu uma explicação possível para o surgimento do termo do *trecho*. Como explícito no título dessa obra, estamos aí diante das “recordações de um engenheiro de obras”. Após dedicar o livro, no seu prólogo, “a todos os profissionais que tiveram a coragem de

trocar o conforto das grandes cidades pela vida dura e cansativo do Trecho” (id: 7), poucas páginas adiante esse autor escreve um capítulo intitulado “o peão do trecho – ator principal”. Sem muita inibição de recorrer a estereótipos e preconceitos, e falando claramente do ponto de vista do um engenheiro ou chefe, nessas páginas somos apresentados a uma descrição genérica destes trabalhadores com quem Corrêa conviveu, como seus subordinados:

Quando está urrando chega de mansinho, cheio de ginga no corpo, humilde, gibi [carteira de trabalho] na mão, procurando boca [emprego], qualquer boca, submetendo-se sem chiar às exigências do empregador. Digo qualquer boca porque ele tem diversas carteiras de trabalho e uma delas sempre se adequa à função desejada. (...). Depois que o peão ficha é outro homem. Recupera o humor, joga duro, é zeloso e pontual. Enfim, trabalhador exemplar, digno de ser escolhido como operário padrão. Dá gosto de vê-lo trabalhar no período de experiência, mas só na experiência, porque depois dos 30 dias começam as manhas. O encarregado o está perseguindo, a comida não presta, as ferramentas são inadequadas e o trabalho muito pesado (Corrêa 2007: 12).

Em obras congestionadas é muito comum o peão que é fichado em duas ou mais empreiteiras, ao mesmo tempo. No meio da multidão, o sacana, mais escorregadio que diabo, consegue se multiplicar trabalhando e enrolando em todas elas, evidentemente no mesmo horário, driblando qualquer fiscalização. Diz o ditado que “peão é a imagem do cão” (Corrêa 2017: 13).

Referências feitas essas à “ginga” e às “manhas” desse “sacana escorregadio”, são obviamente pejorativas, e poderiam ser encaradas como expressões ideológicas daqueles tipos de conflito sugerido por análises feitas as de Lins Ribeiro (2006). O que me interessa aqui, porém, é que após essas primeiras páginas do livro, aparecem as recordações de Corrêa a respeito de sua própria experiência profissional, na segunda parte da obra intitulada “Minha vida no trecho”.

Praticamente cresci trecheiro mirim (...). Creio que o gosto pelas viagens, pelo novo e pela aventura já nasce com a gente. Existem pessoas que se apavoram quando têm que enfrentar coisas fora da rotina, tremem diante do desconhecido e evitam, o quanto podem, conhecer pessoas e coisas alheias a seu pequeno e quase sempre monótono mundinho. Outros vibram diante do inesperado, arriscam-se pelo puro prazer da aventura e apagam-se quando obrigados a uma vida sedentária e confinada (Corrêa 2017: 36).

A despeito dos comentários pejorativos que servem também para marcar a distância social o separando dos trabalhadores sob seu comando, Corrêa não só recorre a um vocabulário e a ideias que ele mesmo associa primeiramente a esses trabalhadores como apela ao código do *trecho* como estrutura narrativa que organiza o relato de sua carreira profissional como um todo. A título de exemplo, lembremos do título de seu livro. Ou então consideremos como na sua história – tal como ocorre nas que nos são contados por trabalhadores de grandes projetos e andarilhos trecheiros – aparece a ideia de que, de maneiras diversas, o “trecho ensina”:

Correr o Trecho é uma opção fascinante para participar diretamente do desenvolvimento e dos problemas da Nação bem como uma grande lição de vida e chance de crescimento profissional. Riscos existem, mas quem não quer correr risco não deve sair da cama. É a oportunidade que os jovens têm de sair do colinho da mamãe, conhecer o Brasil sem intermediários, fora das telas da TV e páginas dos jornais, aprendendo seus costumes, apreciando suas iguarias e descobrindo seus ideais (Corrêa 2007: 10).

Nessa mesma citação, e tal como ocorre nos outros casos que consideramos, a formação e o conhecimento possibilitados pelo *trecho* efetuam-se também via esse aprendizado de “costumes”, ou pelo convívio com pessoas e “culturas” que são reconhecidas como não familiares, a singularidade do trecho como espaço de convívio com a diferença manifestando-se de forma conspícua aí.

7. Questões de pesquisa

Walmir nos oferece um meio para articular as experiências de trabalhadores de grandes projetos e as andanças de andarilhos como Bruno, assim como Corrêa (2007) possibilita um ponto de partida para que pensemos as relações entre tais trabalhadores e os engenheiros. Não tenho qualquer pretensão de, via esses dois exemplos, esgotar o conjunto de relações possíveis entre esses três diferentes universos ou experiências – trabalhadores, andarilhos, engenheiros – esboçados nesse texto. Muito pelo contrário, a questão que se coloca para mim, agora, é multiplicar as entradas etnográficas promovendo tais articulações. Nesse sentido, meus objetivos aqui nesse texto são bastante modestos: quero, acima de tudo, esboçar um programa de pesquisa, estruturado a partir da aposta de que investigações comparativas feitas nessas, explorando as passagens e relações entre tais universos e experiências, têm sim um significativo potencial heurístico e etnográfico.

Uma primeira chave pela qual tal empreendimento comparativo pode ser levado adiante diz respeito a uma investigação mais detida das formas através das quais o *trecho* é concebido como espaço de aprendizado ou de produção de conhecimento, de ensinamentos, de saberes. Longe de exaurir a questão, poderíamos falar assim no saber andar, saber se virar, ou em todo esse know-how para andar no trecho; no aprender sobre a vida e o mundo, no amadurecer no trecho; no conhecer os caminhos e as pessoas; no conhecer histórias, ou aprender a contar histórias; no saber lidar com seus superiores (ou seus subalternos), com a polícia, com a malandragem ou a esperteza do outro... Pretendo assim retomar um *insight* de meus interlocutores em Minaçu, que associavam qualquer andança ou movimento à produção de certos símbolos e

narrativas; e que destacavam as especificidades das formas pelas quais diferentes pessoas – engenheiros contrastados a peões do trecho, por exemplo – “andavam” e “produziam símbolos”.

Num outro registro (mas sem ruptura com o primeiro), a aproximação entre figuras aparentemente tão díspares em termos de classe ou posição social pode revelar-se interessante para a elucidação de certos valores e moralidades “masculinos” que, sob a conjuntura do avanço da direita e do bolsonarismo, encontraram nos últimos anos condições favoráveis para se evidenciar, radicalizar e difundir (...).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, H. P. “Exploração, greves, sindicatos surpreendidos e a saúde dos trabalhadores do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro”. Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública. ENSP/Fiocruz.

ANTONAZ, Diana. Na Escola dos Grandes Projetos. A Formação do Trabalhador Industrial na Amazônia. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.

ARAUJO, Wânia Maria. População de Rua de BH: Reinvenção de Espaços Domésticos no Improvado da Moradia. Dissertação de Mestrado. PUC-MG, 2004

BROGNOLI, Felipe. “Com a cara no mundo: seguindo os rastros de nômades urbanos”. In: Marques, Ana Claudia et al. Andarilhos e Cangaceiros: A Arte de Produzir Territórios em Movimento. Itajaí: Ed. Da Univali, 1999.

COHEN, Jeffrey. “Migration, Remittances, and Households Strategies.” Annual Review of Anthropology 40(1), 2011.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia (v. 2). Editora 34, São Paulo, 1997a

ESTERCI, Neide. Conflito no Araguaia. Peões e Posseiros contra a Grande Empresa. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. USP, 1985.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Pisando Fora da Própria Sombra. A Escravidão por Dívida no Brasil Contemporâneo. RJ: Civilização Brasileira, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

GUEDES, André Dumans. “Abrir no Mundo, Rasgando o Trecho: Mobilidade Popular, Família e Grandes Projetos de Desenvolvimento”. *Cadernos de Campo*, v.1, 2012a.

GUEDES, André Dumans. “Patrões, Garimpeiros e Lideranças. Mediação e Política em um Movimento de Atingidos por Barragens”. *Revista IDEAS*. v.6, p.65-99, 2012b.

GUEDES, André Dumans. *O Trecho, As Mães e Os Papéis. Etnografia de Movimentos e Durações no Norte de Goiás*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013a.

GUEDES, André Dumans. “Na estrada e na lama com Jorge, um brasileiro: trabalho e moradia nas fronteiras do desenvolvimento”. *Horizontes Antropológicos*, v.19, 2013b.

GUEDES, André Dumans. “Fever, Movement, Passion and Dead Cities in Northern Goiás”. *Virtual Brazilian Anthropology (Vibrant)*, Dossiê Etnografias da Economia, v. 11(1), 2014.

GUEDES, André Dumans. Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 403-435, 2017.

GUEDES, André Dumans. “Narrando, comparando e maldizendo andanças, pousos e alojamentos”. *Ruris: Dossiê Territorialidades dos Homens Errantes*, Campinas, 2020 (no prelo).

INGOLD, Tim. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge, 2011.

LEITE LOPES, José Sérgio. Fábrica e Vila Operária. Consideração sobre uma Forma de Servidão Burguesa. In: LEITE LOPES et al. (Org.). *Mudança Social no Nordeste. A Reprodução da Subordinação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINS RIBEIRO, Gustavo. *Developing the Moonland: The Yacyreta Hydroelectric Dam and Economic Expansion in Argentina*. Tese de Doutorado, Graduate Faculty in Anthropology. The City University of New York, 1988.

LINS RIBEIRO, Gustavo. *El Capital de la Esperanza. La Experiencia de los Trabajadores em la Construcción de Brasilia*. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.

MAGALHÃES, Sonia Barbosa. *Gente de toda paragem. Um estudo sobre a população afluyente numa Grande Obra*. Salvador: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA, 1983.

MARTINS, José de Souza. “Migrações temporárias. Problema para quem?”. *Revista Travessia*, n. 1, maio-agosto 1988.

- MARX, Karl. O Capital. Livro I, volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MENDES, Mariana Villas Boas. Os moradores de rua e suas trajetórias. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UFMG, 2007.
- NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. Nomadismos Contemporâneos. Um Estudo sobre Errantes Trecheiros. São Paulo, 2008
- PALMEIRA, Moacir e WAGNER, Alfredo. A invenção da migração. Relatório de Pesquisa, Projeto Emprego e Mudança Sócio-Econômica no NE. PPGAS, 1977.
- PARRY, Jonathan e BLOCH, Maurice. “Introduction: money and the morality of exchange”. In: Parry, Jonathan and Bloch, Maurice, (eds.) *Money and the Morality of Exchange*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- ROCKEFELLER, S. A. “Flow”. *Current Anthropology* Volume 52, Number 4, August 2011 557
- RUMSTAIN, Ariana. Peões no Trecho. Estratégias de Trabalho e Deslocamento no Mato Grosso. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/MN/UFRJ, 2009.
- SOUZA, Ângela. “As políticas de gestão da força de trabalho e as condições de vida do trabalhador das obras barrageiras”. *Revista Travessia*, n. 6, janeiro-abril 1990
- VIEIRA, Suzane de Alencar. Resistência e pirraça na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité, Bahia. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.
- WOORTMANN, Klaas. Migração, Família e Campesinato. In: WELCH, C. et al. (Org.). *Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, v.1. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 217-238.